

SOR JUANA INEZ DE LA CRUZ E ALEJANDRA PIZARNIK: diálogo entre vozes femininas na literatura latino-americana

Sor Juana Inez de la Cruz and Alejandra Pizarnik: dialogue between female voices in Latin American literature

Resumo: Sor Juana Inés de la Cruz (mexicana) e Alejandra Pizarnik (argentina) são foco deste estudo que busca analisar e discutir os discursos subjetivos dessas vozes femininas que ecoam na literatura latino-americana. Com base nos temas escritas de si, análise da subjetividade, escrita de autoria feminina e literatura latino-americana, realizamos um recorte bibliográfico de dois textos pertencentes às escritas do “eu”: a carta “Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz” (1691), de Sor Juana Inés de la Cruz, e “Diarios” (1960- 1968), de Alejandra Pizarnik, a fim de analisá-los e promover uma discussão acerca da presença da mulher latino-americana na literatura através de seus discursos subjetivos e como o “eu” destas autoras dialoga (vam) com outros “eus” coletivos. Como suporte teórico deste estudo, lançamos mão dos pressupostos dos teóricos: Paz (1989), Nitrini (2010), Carvalhal (1998), Blanchot (2005), Lejeune (2010), entre outros.

Palavras-chave: escritas de si, subjetividade, autoria feminina, literatura latino-americana.

Abstract: Sor Juana Inés de la Cruz (Mexican) and Alejandra Pizarnik (Argentinian) are the focus of this study that seeks to analyze and discuss the subjective discourse of these women’s voices that echo in Latin American literature. Based on their own themes’ writing, analysis of subjectivity, writing of female authorship and Latin American literature, we cut two bibliographic texts belonging to the writing of the “self”: the letter “Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz” (1691), from Sor Juana Inés de la Cruz, and “Diarios” (1960- 1968), from Alejandra Pizarnik, in order to analyze them and promote a discussion about the presence of Latin American women in literature through her subjective speeches as the “self”, of these authors, dialogues (ed) with other collective “selves”. As theoretical support for this study, we launched the assumptions of the theoretical: Paz (1989), Nitrini (2010), Carvalhal (1998), Blanchot (2005), Lejeune (2010), among others.

Key words: written of self, subjectivity, feminine authorship, Latin American literature.

INTRODUÇÃO

A escrita de autoria feminina latino-americana vem buscando seu espaço dentro do âmbito literário há muito tempo. O presente texto busca dar voz à literatura considerada marginal, realizando um estudo, ainda que de forma breve, dentro dos pressupostos da Literatura Comparada de duas obras da literatura latino-americana de autoria feminina. Os textos que serão analisados são pertencentes às escritas de si, logo são permeados pela subjetividade, nosso foco de discussão. A este alia-se uma série de interesses de pesquisa que são: escritas de si, análise da subjetividade, escrita de autoria feminina e literatura latino-americana. As autoras que serão estudadas são duas mulheres separadas temporalmente, a saber: a primeira é pertencente ao período do barroco latino-americano, a mexicana Sor Juana Inés de la Cruz (1651-1695); e a segunda é uma autora contemporânea, a argentina Alejandra Pizarnik (1936-1972).

A pesquisa aqui proposta está voltada para experiências reais de escritoras que se valem da subjetividade¹ impregnada em suas obras para falarem de si, do outro – “eu” coletivo - e também de seu tempo. Trabalhando a partir de dois extremos, do barroco à contemporaneidade, buscamos compreender qual o papel representativo da figura feminina nesses períodos, não só no âmbito literário, como também no histórico-social.

As produções literárias escolhidas para análise a partir do método comparatista são: a carta intitulada “Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz” (1691), de Sor Juana Inés de la Cruz², e “Diarios” (1960- 1968), de Alejandra Pizarnik. Diante destas produções, impregnadas pela presença do “eu”, percebemos a mulher latino-americana que dialoga com o seu tempo, que nos apresenta suas angústias, questionando o seu lugar na sociedade através da questão existencial. Mediante a presença da subjetividade na escrita dessas autoras, podemos perceber o “eu” nessas produções literárias e, a partir disso, promover uma discussão sobre a presença da mulher na literatura latino-americana através de seus discursos subjetivos.

Apesar dos avanços, sabemos que a literatura na América Latina ainda não oferece um lugar tão significativo para a mulher, pois quando lembramos da Literatura latino-americana geralmente realizamos associações a figuras masculinas como: Borges, Pablo Neruda, Eduardo Galeano, Gabriel García Márquez, Cortázar, etc. Isso ocorre porque, segundo Dietzel (2002), a nossa educação literária está voltada para análises universalistas, o que nos mostra que há a impressão de que falta algo nessa literatura, pois a história da literatura (inclusive a contemporânea) está repleta de nomes masculinos e a mulher ainda caminha em busca de um lugar mais significativo e de maior destaque nesse meio literário. Pensando nessas questões, o estudo aqui exposto surge para dar lugar a essas outras vozes, levando essa literatura, dita “marginalizada”, para o âmbito acadêmico, discutindo-as e problematizando-as.

1. Mulheres que escrevem na América Latina: quem são essas mulheres? De onde elas falam?

A partir do século XX a mulher passa a ocupar um lugar mais significativo na literatura. Porém, basta retrocedermos temporalmente para percebermos esse espaço sendo cada vez mais diminuto. Ao observamos a carta escrita pela mexicana Sor Juana Inés de la Cruz, intitulada “Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz”, escrita em 1691, podemos considerar este texto um escrito feminista, mesmo que essa corrente do feminismo não existisse na época. Há neste texto a marca de uma figura feminina que se posiciona frente a uma sociedade, a um período em que poucas mulheres tinham a oportunidade de adentrarem o universo do saber. Nas palavras de Octavio Paz:

La única posibilidad que ellas [las mujeres] tenían de penetrar en el mundo cerrado de la cultura masculina era deslizarse por la puerta entreabierta de la corte y la iglesia. [...] los lugares en que los dos sexos podían unirse con los propósitos de comunicación intelectual y estética eran el locutorio del convento y los estrados del palacio. Sor Juana cambió ambos modos, el religioso y el palaciego. (PAZ, 1989, p.69)³

¹ Este conceito será definido mais adiante com referência específica do campo literário, embora saibamos que ele é objeto de estudo da Psicologia, da Linguística Aplicada (ensino de línguas) e também da Linguística. Nesta área temos a pesquisa de Possenti (1988) intitulada *Discurso, estilo e subjetividade*.

² Escolhemos esta carta por se tratar de um texto com marcas mais explícitas de subjetividade, foco de nosso interesse, porém, não ignoramos a vasta produção poética de Sor Juana, sobretudo seus sonetos que demonstram um grande rigor com a linguagem literária.

³ Optamos por não traduzir as citações em língua espanhola presentes neste texto.

Antes de se discutir e analisar de forma mais aprofundada a carta de Sor Juana Inés de la Cruz, necessitamos, primeiramente, compreender quem foi essa mulher, considerada por muitos intelectuais e estudiosos da literatura latino-americana, como uma das maiores poetisas da língua espanhola e uma das vozes mais representativas do barroco desta literatura. E, para que se possa entender em que contexto a “Respuesta” foi escrita, necessitamos também retroceder no tempo até o período do Barroco Mexicano (Nova Espanha, século XVII), período marcado pelo domínio da religiosidade católica e pelo colonialismo. Nesse período, Sor Juana era uma freira no monastério de San Jerónimo e já poderia ser considerada uma personificação do ideal feminino, devido a sua personalidade singular e o conhecimento abrangente que possuía. Vivendo para a religião e para a aquisição de saberes, foi desse lugar que reivindicou o espaço da mulher nas letras mediante seus escritos e sua intelectualidade.

O que hoje se comenta a respeito de Sor Juana é que ela conquistou por meio de sua ampla bagagem crítica-literária, construída desde muito cedo (mediante seus estudos minuciosos sobre arte, literatura, ciência e religião), um espaço que era exclusivamente masculino, marcando a história e firmando a voz da mulher latino-americana na literatura. Essa força de posicionar-se frente a uma sociedade extremamente religiosa e patriarcal fez de Sor Juana uma personagem um tanto quanto marcante para a sua época. Atualmente, ela é um nome importantíssimo da história da literatura latino-americana e possui um lugar de destaque dentro dos estudos do feminino latino-americano. No que tange à posição de Sor Juana na literatura de autoria feminina latino-americana, nos aportamos a Andrade (2003) que trata desse lugar de prestígio de Sor Juana conquistado no âmbito literário atual, e o crescente interesse pelo estudo de vida e obra da autora.

Para que se tenha uma ideia da sua posição no cenário da literatura latino-americana e mundial, a redescoberta de sua obra a recolocou como a mais importante figura da literatura mexicana do período colonial, ao lado de Juan Ruiz Alarcón e Carlos de Sigüenza y Góngora; dois grandes poetas universais dos séculos de ouro na Espanha, bem como passou a ser considerada a máxima expressão do barroco no Novo Mundo. (ANDRADE, 2013, p.02)

Como não se pode negar a significativa representatividade dessa grande mulher no período barroco, é “compreensível”, dado o momento histórico em que viveu Sor Juana, o quanto a sua presença tornou-se algo incômodo para os religiosos mais ferrenhos do período. Afinal, no ideário da época, mulher não tinha significância no campo do saber e não participava das decisões políticas da sociedade⁴. Sor Juana perturbou os brios de algumas figuras importantes da Igreja Católica da época, pelo fato de tratar-se de uma freira, mulher, com um conhecimento vastíssimo sobre praticamente tudo, questionando o espaço do saber de domínio masculino, mediante um discurso imponente e ao mesmo tempo cuidadoso, tendo em vista a questão da inquisição presente no período, em que o cuidado com a “palavra” era essencial para a sobrevivência do sujeito. A *Respuesta* foi um exemplo de texto escrito de forma cautelosa, mas que não impede com que Sor Juana perca sua voz frente aquilo que lhe parece desigual na sociedade do século XVII. É o que se pode verificar no excerto a seguir, da própria autora:

Y, a la verdad, yo nunca he escrito sino violentada y forzada y sólo por dar gusto a otros, no sólo sin complacencia, sino con positiva repugnancia, porque nunca he juzgado de mí que tenga el caudal de letras e ingenio que pide la

⁴ Se observamos a história ocidental, na Grécia antiga, ao menos na capital Atenas, os homens controlavam a pólis e as mulheres eram donas de casa, prostitutas, escravas ou amantes. A poetisa grega Safo é um grande nome da poesia lírica, embora seu nome ainda esteja ligado à perversão, lesbianidade. Ou seja, a mulher não podia pensar! A filosofia é toda composta de nomes masculinos: Platão, Aristóteles, etc.

obligación de quien escribe, y así, es la ordinaria respuesta a los que me instan, y más si es asunto sagrado: ¿Qué entendimiento tengo yo, qué estudio, qué materiales, ni qué noticias para eso, sino cuatro bachillerías superficiales? Dejen eso para quien lo entienda, que yo no quiero ruido con el Santo Oficio, que soy ignorante y tiemblo de decir alguna proposición malsonante o torcer la genuina inteligencia de algún lugar. Yo no estudio para escribir, ni menos para enseñar, (que fuera en mi desmedida soberbia), sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos. Así lo respondo y así lo siento. (CRUZ, 2006, p. 04)

Mas o pior “carrasco” na vida de Sor Juana não foi o medo da Inquisição, mas sim o bispo de Puebla que, em novembro de 1690, pôs em circulação um folheto intitulado: Carta Atenagórica (BARROS, 2011), sob o pseudônimo de Sor Filotea e dizendo-se ser uma suposta freira, estudiosa da poesia, reclusa no convento da Santíssima Trindade de Puebla. Mediante esse disfarce, o bispo de Puebla tece, através de sua carta, duras críticas às atividades literárias de Sor Juana, além de questionar sua religiosidade e buscar induzi-la a dedicar-se exclusivamente aos estudos sagrados. Algum tempo mais tarde, Sor Juana surgiria com sua “*Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz*” (1691), em que manifesta por meio de sua resposta ao bispo de Puebla, o quanto a mulher também deveria ter direitos iguais na sociedade, principalmente no que tange o acesso ao campo do saber em geral, das artes, da ciência e da religião.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela mulher, com relação à acessibilidade do conhecimento no período barroco, Sor Juana relata em sua “*Respuesta*”, como iniciou sua vida nas Letras e sua sede pelo saber.

Teniendo yo después como seis o siete años, y ya sabiendo leer y escribir, con todas las otras habilidades de labores y costuras que deprenden a las mujeres, oí decir que había Universidad y Escuelas en que se estudiaban las ciencias, en Méjico; y apenas lo oí cuando empecé a matar a mi madre con instantes e importunos ruegos sobre que, mudándome el traje, me enviase a Méjico, en casa de unos deudos que tenía, para estudiar y cursar la Universidad; ella no lo quiso hacer, e hizo muy bien, pero yo despiqué el deseo en leer muchos libros, varios que tenía mi abuelo, sin que bastasen castigos y reprensiones a estorbarlo; de manera que cuando vine a Méjico, se admiraban , no tanto del ingenio, quanto de la memoria y noticias que tenía en edad que parecía que apenas había tenido tiempo para aprender a hablar. (CRUZ, 2006, p.05)

O que se pode inferir sobre a *Respuesta* de Sor Juana é que ela é considerada atualmente uma carta de “caráter autobiográfico, uma réplica aos ataques a sua condição de mulher e de freira e à defesa de seu direito, --- e das mulheres --- ao estudo, às atividades intelectuais e ao conhecimento como o melhor caminho para chegar a Deus.” (ANDRADE, 2013, p.20). Podemos afirmar que esta carta é uma resposta escrita de forma ética e responsável, ou seja, a autora assina seu texto, se mostra sem subterfúgios e reinvidiva um lugar para a mulher no campo do saber, da vida.

A partir de agora, deixemos um pouco os conflitos de Sor Juana e de seu discurso subjetivo e imponente do século XVII. Até o presente momento apresentamos, de uma forma geral, quem foi essa mulher e como dialogava com o seu tempo. Mais adiante nos deteremos no texto de Sor Juana de maneira mais aprofundada. Por hora ficaremos no campo do conhecimento de período histórico, conhecendo quem foi, o que fez, que contribuições trouxe para a literatura, etc.

Desta maneira, partimos do Barroco mexicano dando um salto até a contemporaneidade, para conhecermos nossa outra importante figura feminina latino-americana a ser estudada, Alejandra Pizarnik, uma das mulheres escritoras de caráter mais intenso e original da Literatura

latino-americana. Pizarnik, nascida em 1936 em Buenos Aires/Argentina, teve uma infância nada satisfatória, segundo os relatos da autora apresentados na obra “*Diarios*” em que temos contato com escritos permeados por intensa subjetividade, datados de 1954 à 1971. Pizarnik percebe no seu passado marcas das imposições, muitas vezes agressivas e repressoras, do que se exigia/exige da mulher socialmente.

Cuando yo era una niña decía siempre sí. Sí al juego, al canto, a las exigencias familiares. Cuando tenía tres años era bellísima y sonreía. Aún mi madre no había ganado, aún las [tachado] no me torturaban. Me ponían sobre una silla y me hacían cantar. Yo cantaba. Me ordenaban silencio. Me callaba. Me mandaban a un rincón con los juguetes rotos y polvorientos y allí me quedaba. Hoy pienso en esa niña y me asombra comprobar cómo trabajaron para arruinarme. (PIZARNIK, 2003, p. 288)

Já crescida, mulher formada, com conhecimentos literários abrangentes, tornou-se sedenta por dominar a linguagem a tal ponto de produzir uma grande obra literária⁵. Esta foi Alejandra Pizarnik por toda a sua vida, uma mulher em uma busca incessante por encontrar-se na escrita e em si mesma. E, desta forma, através de uma de suas obras mais significativas, “*Diarios*”, apresenta seus anseios e sua busca por inspirar-se, e assim poder formar uma expressão literária autêntica.

Os diários de Pizarnik são demasiadamente importantes no que tange à Literatura latino-americana. O que encontramos em Pizarnik é a máxima expressão de uma mulher de personalidade forte, em conflito com o seu tempo, com o seu próprio “eu” e com a palavra: “Nada peor que buscar sobre qué escribir. Mejor escribir sobre lo que puedo, es decir sobre mí, para un día llegar a escribir sobre lo que quiero.” (PIZARNIK, 2003: 232).

Voltemos o olhar, então, para a obra “*Diarios*” de Alejandra Pizarnik a fim de conhecer um pouco sobre o mundo subjetivo desta mulher e a significância de sua obra na literatura latino-americana. Pizarnik escreveu em seus diários, basicamente, reflexões sobre suas leituras diárias, ou sobre situações emocionais e psíquicas que analisava, ela mesma, constituindo-se em uma terceira pessoa, que Blanchot (2005), chamaria de “neutro”, como podemos observar no relato de Alejandra Pizarnik escrito em 1958: “Me disuelvo en la irrealidad. He vislumbrado. He visto. Fue una luz negra detrás del vidrio. Auguró posibilidades de vida. Es la soledad absoluta. Y tú lo sabes, Alejandra. Puedes enloquecer o morirte.” (PIZARNIK, 2003: 116)

É com este tipo de discurso, melancólico e tomado de uma perplexa gama de pensamentos, que Alejandra Pizarnik começa a inserir-se na literatura, utilizando-se da escrita diarística para aperfeiçoar sua técnica no processo de construção de suas produções literárias. Ana Becciu escreve, em 2003, a introdução da obra “*Diarios*” de Alejandra Pizarnik. Em seu texto introdutório da obra comenta a questão da tradição literária diarística que fez de Alejandra Pizarnik uma pioneira na América Latina na escrita de diários como parte de suas produções literárias.

La tradición de escritores diaristas es fundamentalmente europea. Son grandes nombres de la literatura francesa, inglesa, alemana o italiana del siglo XIX (Stendhal o Goethe) y del XX (Gide, Mansfield, Woolf, Kafka o Pavese, por

⁵ Além da obra Diários, aqui analisada, a autora argentina escreveu outras obras, dentre elas; *La Condesa Sangrienta* (1971), *La última inocencia* (1954), *Las aventuras perdidas* (1958), *Los trabajos y las noches* (1965), *Extracción de la piedra de locura* (1968), para citar as mais significativas. Figuram também produções de obras poéticas, em que temos contato com uma poesia melancólica e pessimista. Os poemas de Alejandra Pizarnik não se encaixam facilmente em nenhum movimento dentro de sua geração, inclusive, a poeta não apresentou interesse em uma poesia comprometida com as questões políticas enfrentadas na Argentina de sua época. A marca mais significativa da poesia de Pizarnik está no uso de imagens oníricas e ilógicas.

citar sólo a los más significativos). Pero no abundan ni en España (...) ni en Latinoamérica. Alejandra Pizarnik es, en este sentido, la primera escritora latinoamericana que escribe un diario concibiéndolo como parte de su proyecto de obra literaria. (BECCIU, 2003, p. 10-11)

Pizarnik era uma mulher com um talento literário nato e com senso crítico aguçado. Porém, com grandes problemas psicológicos que lhe perturbaram por toda a vida. Inclusive, muitos de seus relatos diarísticos abordam a questão existencial e o desejo latente que a autora possuía pelo suicídio: “Aparentemente es el final. Quiero morir. Lo quiero con seriedad, con vocación íntegra.” (PIZARNIK, 2003: 502).

Ambas mulheres aqui estudadas tiveram finais tristes. Sor Juana teve que abdicar de muitas de suas inclinações intelectuais para não criar maiores problemas com a igreja de sua época e com seus superiores, morrendo pouco tempo depois de publicada sua *Respuesta*. Pizarnik abdica da vida através do suicídio, mesmo pertencendo a um período em que a mulher poderia ter mais liberdade profissional. Talvez o que tenha sufocado Pizarnik seja basicamente o ritmo frenético da contemporaneidade e o fato de, a cada vez mais, ser cobrada excelência em tudo. Pizarnik desejava ardentemente ser uma grande escritora e hoje devemos reconhecer sua obra como de extrema significância no âmbito literário latino-americano. Porém, enquanto viva, pouco se falou sobre ela.

1.2. Aplicabilidade do método comparatista: O “eu” subjetivo e os contrastes do discurso feminino presentes na produção latino-americana

Promover um diálogo entre Sor Juana Inez de la Cruz e Alejandra Pizarnik, mulheres com grande representatividade na literatura latino-americana de autoria feminina, pode se tornar um desafio instigante e desafiador, a partir do momento em que temos para análise mulheres com personalidades muito singulares e pertencentes a períodos distintos da nossa Literatura.

A maior preocupação ao confrontar textos do teor aqui estudado, está no fato de que investigamos produções diferentes, de gêneros diferentes e separados temporalmente. Porém, no que concerne à questão da subjetividade do discurso feminino, ambas as autoras estudadas podem, sim, entrar em diálogo. Os escritos em questão, de Sor Juana e de Alejandra Pizarnik, são textos de teor autobiográfico e este tipo de característica narrativa é privilegiada como espaço de construção subjetiva (TEIXEIRA, 2003). Como o “eu” em diálogo com o seu tempo é o foco de estudo dentro da perspectiva comparatista dos textos de Alejandra Pizarnik e Sor Juana Inés de la Cruz, faz-se necessário que compreendamos o conceito de subjetividade aqui seguido como referência.

A subjetividade pode ser definida basicamente como aquilo que se passa no íntimo, algo pessoal, o que existe de mais profundo no sujeito e que pode representar outras vozes, outros “eus” coletivos (PALAVERSICH, 1995). Nossas autoras em foco neste estudo são vozes de grande representatividade na Literatura latino-americana, que reivindicavam o lugar da mulher socialmente mediante um discurso subjetivo tomado de autenticidade e passível de identificações múltiplas, visto que, quando essas mulheres falam de si mesmas em seus textos, de certa forma estavam falando de muitas outras mulheres, que também viveram as mesmas questões existenciais e suas restrições na sociedade delimitadas pela questão do gênero.

A memória subjetiva, presente nas produções literárias destas autoras, serve como mecanismo de permanência de vozes pouco ouvidas e deveras marginalizadas, seja no âmbito literário ou social. O que o discurso feminino destas mulheres nos apresenta é a expressão

máxima subjetiva de um “eu” em prol de um “nós” coletivo, que clama por uma representatividade significativa em nosso meio.

O “eu” destas autoras é potencialmente representativo de outras vozes, visto que “a subjetividade é ‘fabricada e modelada no registro social’, isto é, atua em um contexto social no qual a linguagem e a cultura atribuem significados as nossas experiências individuais.” (MENEZES, 2010, p.17). Dialogando com o seu tempo e com o outro, estas mulheres se apropriam de discursos vários, bebem em outras fontes, contribuem para a formação de outros ideários e partir daí, constroem suas identidades. O sujeito em si, é produto da interação humana, e a linguagem só existe porque os homens interagem e falam, ou seja, eles dialogam.

É preciso destacar, aqui, algo de muito importante: no “Eu sou eu” já existe uma dualidade implícita – em seu ego, o sujeito é potencialmente outro, sendo, ao mesmo tempo, ele mesmo. É por isso que o sujeito traz em si mesmo a alteridade que ele pode comunicar-se a outrem. (MORIN, 2010. p.123)

A partir da aproximação comparativa dos textos de Sor Juana e Pizarnik, carregados de subjetividade intelectual feminina, temos contato com discursos de mulheres que falam do seu tempo e de si mesmas, que questionam um lugar na sociedade e que produzem seus textos como uma forma de afirmação pelo viés da escrita. Ou seja, ao se afirmarem como mulheres escritoras, por meio da força da palavra literária, elas também convocam outras vozes femininas a se revelarem, a trazerem seus discursos para enfrentar o preconceito, para lutar pelo espaço da mulher em todos os campos do saber, principalmente o da literatura, dominado por homens. Assim, muitas mulheres também se identificam e podem se reconhecer nesses escritos.

A teoria comparatista utilizada como suporte teórico na análise da carta de Sor Juana e dos diários de Alejandra Pizarnik “[...] reside na pesquisa das ideias e temas, que, em diferentes épocas e literaturas, apresentam ou criam relações e traços comuns, evoluem no tempo e no espaço, exercem influências recíprocas, relegando-as ao mundo árido e ingrato da simples erudição” (NITRINI, 2000, p. 22). Este suporte teórico nos leva a por em diálogo aquela voz do período Barroco (Sor Juana), com a voz Contemporânea (Alejandra Pizarnik), da mulher latino-americana, que mediante seu discurso retira-nos de nossos lugares e nos faz viajar pelo tempo, buscando traços, dialogando com a memória e produzindo em nós identificações.

2. A *Respuesta* de S.J. versus *Diarios* de A.P.

O diário e a carta são gêneros diferentes, mas ambos estão carregados de subjetividade e dentro do âmbito literário encaixam-se no que denominamos “escritas de si”, ou “escritas do eu”. Lejeune (2008) afirma que através da escrita possuímos a possibilidade de nos eternizar e atribui significado a isto afirmando que a escrita subjetiva, autobiográfica, pode ser um mecanismo de afirmação do sujeito. Sor Juana ao escrever a “Respuesta” ao Bispo de Puebla utiliza-se da carta, de toda a sua subjetividade intelectual feminina como um mecanismo de defesa. Logo, a epístola de Sor Juana, apesar de tratar de aspectos da vida pessoal e da abrangência intelectual da autora, não pode ser tida somente como uma autobiografia, mas também como uma autodefesa, uma resposta ética a outro (PAZ, 1982), uma maneira de afirmar-se pela escrita e defender-se na sua condição de mulher e intelectual.

Já referente à obra *Diarios*, de Alejandra Pizarnik, este texto faz parte da construção literária da autora. Através dos relatos diarísticos de Pizarnik temos contato com um gênero literário que possui uma característica peculiar e atrativa para os leitores. Essa proposta narrativa ou estratégia narrativa, chama a atenção do público leitor pelo fato de se poder ter contato com uma narrativa subjetiva, um relato que é pessoal e autêntico da autora, escrito em primeira pessoa.

Alejandra Pizarnik utiliza-se de um artifício bem típico de escritores contemporâneos, ou seja, o jogo entre o que pode ser autobiográfico e o que não é dentro do texto. O ficcional e

o real estão presentes o tempo todo e o leitor fica envolto nesse “mar de suspeitas”. O papel que este tipo de narrativa tem na contemporaneidade, dentro da perspectiva de Arfuch (2010), está em deixar-se envolver, (enquanto leitor), por uma narrativa que mescla o ficcional com o real, que dialoga com o seu tempo e nos conta uma história. Esse “jogo” é atrativo e marca o surgimento de novas formas de narrativas, de maneiras de expressar-se através da literatura com identidades singulares, firmando o discurso do autor.

Dessa ótica, e assumindo a tensão entre o que pode ser uma coisa e seu contrário, podemos agora postular, no que diz respeito ao espaço público/biográfico, a articulação indissociável entre o eu e o nós, os modos como as diversas narrativas podem abrir, para além do caso singular e da “pequena história”, caminhos de autocriação, imagens e identificações múltiplas, desagregadas dos coletivos tradicionais, e consolidar assim o jogo das diferenças como uma acentuação qualitativa da democracia. Novas narrativas, identificações, identidades (políticas, étnicas, culturais, religiosas, genéricas, sexuais, etc.). (ARFUCH, 2010, p. 100)

Essa tensão é o que Alejandra Pizarnik trata de fazer em seus diários, pois ela deixa bem claro, desde o princípio de sua obra, que utiliza a escrita diarística como um suporte para algo maior, um ensaio para um romance futuro. Logo, o diário servirá não somente para relatar acontecimentos cotidianos da autora, mas também como um mecanismo de exercício de escrita, de busca de uma linguagem própria e de afirmação enquanto mulher e escritora. Nesse sentido, Pizarnik, em muitas passagens de seus relatos, mescla acontecimentos reais com a ficção, escreve poemas, reflexões existenciais, descreve obras de autores lidos - toma a palavra do outro para si - e apresenta o significado da literatura para ela, como em PIZARNIK, 2003, p.200: “La vida perdida para la literatura por culpa de la literatura. Quiero decir, por querer hacer de mí un personaje literario en la vida real fracaso en mi deseo de hacer literatura con mi vida real, pues ésta no existe: es literatura”.

Além disso, a escritora, enquanto mulher contemporânea, também questionará seu lugar na sociedade, assim como Sor Juana o fez, rechaçando a imagem da mulher latino-americana tradicional (dona de casa), fruto da sociedade patriarcal que impõe valores e dita regras de conduta, sobretudo morais.

Os diários de Pizarnik, testemunhos íntimos de uma vida de escritora, são a expressão narrativa subjetiva de uma mulher em conflito com o seu tempo, em que “narra-se o que não se pode relatar. Narra-se o que é demasiadamente real para não arruinar as condições da realidade comedida que é a nossa.” (BLANCHOT, p.272). Assim é Pizarnik, assim são seus diários. Uma busca incessante por eternizar-se, por ter seu passado sempre a sua disposição, a fim de não se sufocar perante o meio onde vivia, que sempre lhe pareceu tão perturbador e banal. Complementado com Blanchot:

O interessante do diário está em sua insignificância. Essa é a sua inclinação, sua lei. Escrever cada dia, sobre a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. (BLANCHOT, 2005, p. 273)

A estrutura subjetiva da escrita de Pizarnik está relacionada basicamente em valer-se do diário para além do trato de questões cotidianas da vida. Os escritos diarísticos funcionam como suporte para se pensar e praticar a escrita de forma literária. Já a carta de Sor Juana é escrita com uma finalidade, corresponder-se, dar a sua resposta de forma responsável. A prosa epistolar de Sor Juana surge, a princípio, não era para tornar-se uma obra literária, mas sim para

manifestar seu posicionamento frente às duras críticas que a mesma recebia de algumas figuras da igreja católica. Sor Juana apresenta grande interesse pelo universo do saber e pelo desenvolvimento intelectual humano e reforça isso em “La Respuesta...”, apresentando sua bagagem intelectual: “Yo no estudio para escribir, ni menos para enseñar (que fuera en mí desmedida soberbia), sino sólo por ver si con estudiar ignoro menos.” A carta de Sor Juana é um texto “carregado de subjetividade intelectual feminina, uma autobiografia não somente de vida, como também de conhecimento.” (MOCTEZUMA, 2010).

A sensação que se tem, quando se lê textos pertencentes às escritas de si, no caso dos diários de Pizarnik, e também da carta de Sor Juana, é que se está burlando a correspondência de alguém, uma vez que nós, enquanto leitores, invadimos um espaço que é exclusivo do escritor, compactuando, de certa forma, com aquilo que se encontra expresso em cada página, seja do diário ou da carta. Seria basicamente aquilo que Lejeune (2008) afirma quando trata da questão do pacto autobiográfico, que seria esse “engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade”. Sor Juana e Alejandra Pizarnik são essas autoras, mulheres reais, que buscam expressar, através de suas produções literárias, esse “espírito de verdade”, contando um pouco de si, do outro, e também um pouco do seu entorno, do seu tempo e do seu lugar na sociedade. Essas marcas são perceptíveis porque o “eu”, quando transformado em linguagem, apresenta-se carregado de ideologia, pois a linguagem jamais é neutra. Ela é formada de signos ideológicos e revela os valores do sujeito autor.

2.2. A subjetividade “podada”: uma realidade das freiras mexicanas do período barroco.

Mesmo que Sor Juana tenha sido uma mulher de bagagem intelectual significativa e tenha conseguido um lugar de destaque dentro do âmbito literário atual da América Latina, essa “liberdade” que Sor Juana possuía não era tão evidente como se pode imaginar. Nem todas as monjas do período barroco tinham liberdade para falarem de si, ou para questionar algo que lhes parecesse desigual na sociedade da época. Havia o medo por ser mulher, aliado ao dever de, enquanto mulher, dever total submissão ao homem/ seu superior.

O que a expressão “subjetividade podada” quer trazer para esse estudo é que as monjas do período barroco, mesmo quando tinham a oportunidade de falarem de si em textos autobiográficos, não eram totalmente livres para este intento, pois tudo era rigidamente monitorado por figuras masculinas, superiores da igreja, os chamados confessores, em que cada palavra deveria ser “santa”, cuidadosamente escrita, caso contrário o texto sofreria uma “poda”.

(...) el papel del confesor tenía relación con establecer cuál de todos los sentidos del texto era el legítimo (el verdadero): es decir, el aceptado por la autoridad y cuáles eran ilegítimos y erróneos. En este caso, se unen el interés de la autoridad patriarcal, el de la unidad del sentido y el de la certidumbre del origen: las revelaciones tenían que venir de Dios – y no del demonio- y el juez de su procedencia era, por cierto, el confesor. Los textos de las monjas eran, pues, un material bruto y peligroso: debían ser regulados, para prevenir el desparramo del sentido. (VALDÉS, 1993. p.477)

Segundo Fibla (2008), os relatos de vida conventual na América Latina do período barroco são delimitados por dois tipos de cenas distintas. A primeira seria a prévia, relacionada à confissão, ao ato de expor seu “eu” a outro sujeito (confessor), e a posterior, relacionada ao ato de escrita do texto autobiográfico ou confessional. Toda produção escrita das monjas era avaliada pela lei religiosa e delimitada pela lei de gênero: “no es solo una monja, es una mujer, no es solo un confesor: es un hombre.” (FIBLA, 2008, p.22)

Existem poucas escritoras do período barroco cujos nomes estejam figurados na história da literatura, a grande exceção foi Sor Juana. Muitas monjas sofreram ao tentarem falar de si e resgatarem suas memórias em textos autobiográficos, como foi o caso da monja chilena Ursula Suárez, autora pouco conhecida na literatura, mas que recupera, mediante suas produções escritas, a voz feminina que muito foi sufocada pela igreja e pelo patriarcalismo. Conforme nos explica Fibla:

Así, a partir de las obras de María de San José, la Madre Castillo y Úrsula Suárez, en esta primera parte, resulta primordial encuadrar el papel de sus confesores, en tanto autoridad religiosa (juez que condena o absuelve, padre espiritual, hombre que reta la feminidad), pero también como destinatario primero de sus textos, como otro al que se dirige; ¿una demanda, una trampa, un hechizo, una ofrenda? en boca de mujer. En el relato de estas vidas religiosas se escenifica también una relación con la divinidad, un encuentro amoroso que se inscribe en el cuerpo y que convoca un deseo. La mística, entendida como una “teología del fantasma” pone en escena el ser de estas mujeres y con ella, la controversia de los sexos. (FIBLA, 2008. p.22)

2.3. O conflito com a palavra: uma leitura dos diários de Alejandra Pizarnik

Deseos de escriturarme, de hacer letra impresa de mi vida. Instantes en que tengo tantas ganas de escribir que me vuelvo impotente. Digo escribir por no decir bailar o cantar, si se pudieran hacer estas dos cosas por escrito. El lenguaje me desespera en lo que tiene de abstracto. (PIZARNIK, 2003, p. 218)

Qualquer sujeito que aceitar a aventura de encarar a leitura de uma obra que ora nos acalenta, ora faz o mundo desmoronar sob os nossos pés, pode encontrar essas e outras tantas sensações nos diários de Alejandra Pizarnik, uma mulher em constante confronto com seus próprios pensamentos, transpondo para o papel toda sua angústia e seu modo de ver e pensar sobre as coisas por meio da escrita.

Ao realizarmos a leitura de cada página dos diários de Pizarnik, somos convidados a penetrar no denso e melancólico universo presente em sua narrativa diarística, a fim de que percebamos que seus diários vão além de meros relatos banais, de uma mulher argentina de classe média na Buenos Aires das décadas de 50/60 e 70. São quase trinta anos de produção de uma obra literária autêntica e marcante para a literatura latino-americana. Não estamos falando apenas de meros escritos casuais da cotidianidade, mas sim, de uma obra ímpar da nossa literatura, que coloca Pizarnik em um lugar de destaque no que diz respeito a produção literária dentro das escritas do “eu” na América Latina.

Quando se afirma que Pizarnik estava sempre em conflito com a “palavra”, essa afirmativa surge a partir das leituras realizadas de seus diários, ou seja, essa questão pode ser encontrada em muitas das passagens de sua obra. São inúmeros escritos com comentários sobre literatura, arte, relações amorosas e sobre o processo intenso e árduo de produção escrita na vida de quem se dedica a ser escritora, juntamente com as dificuldades enfrentadas por Pizarnik na aceitação dessa área por parte de amigos e familiares enquanto profissão.

Mi madre quiere que estudie. Quiere que tenga un título. (Sonrío despreciativa.) ¡Qué me importan los títulos! Digo que quiero ser escritora. ¡Bah! Son cosas al margen dicen. ¡Al margen! Ellos no saben lo que es llorar sobre una hoja vacía y llenarla pacientemente con signos creados por una misma. Parece cola de magia. Llenar un cuadernillo que estaba desnudo y triste. Darle vida entregándose lo mejor que una tiene dentro. ¡Ah! Escribir. ¡Qué bello es escribir! (PIZARNIK, 2003, p.57)

Pizarnik comenta em seus diários suas leituras realizadas de obras literárias, muitas delas também narrativas diarísticas, como os diários de Baudelaire e Kafka, o que reforça a ideia de que a autora estava deveras engajada em fazer de seus escritos algo de cunho literário, mais do que simplesmente retratar coisas do dia-dia de uma mulher da Contemporaneidade. Para Pizarnik falar de si mesma em um diário era uma maneira de ser também “palavra”: “Hablar de sí en un libro es transformarse en palabras, en lenguaje. Decir yo es anonadarse, volverse un pronombre algo que está fuera de mí.” (PIZARNIK, 2003: 344).

3. Diálogos possíveis entre Sor Juana Inés de la Cruz e Alejandra Pizarnik: O “eu” feminino contra a sociedade patriarcal.

Temos para análise neste estudo mulheres que viveram para as letras e que morreram em função delas. Sor Juana renunciou ao saber pressionada pela Igreja Católica de sua época, morrendo logo após a publicação de sua “Respuesta” ao bispo de Puebla. Pizarnik era uma mulher que não se identificava com o seu tempo e nem com o fluxo das horas, entregava-se em seus diários a fim de ‘espremer’ deles, a partir do processo de escrita e reflexão, algo que lhe auxiliasse em um grande romance futuro. Ao não se satisfazer plenamente, somado aos problemas pessoais vividos, acabou por suicidar-se.

Alejandra Pizarnik não precisou medir as palavras em seus diários, não precisava estar de olho na inquisição como Sor Juana. O que temos aqui, são mulheres de tempos distintos, com pouco espaço e pouca voz, comparado ao lugar que o homem possuía/possui na sociedade. Isso se deve ao fato do cerceamento da liberdade concedida às mulheres, visto que, por muito tempo o único papel destinado as mulheres era o de donas de casa e mães, pois a mulher não possuía muito espaço para discussão de suas ideias.

Dado o período em que viveu Sor Juana e mesmo não existindo, na época, movimentos que reivindicassem a inserção da mulher nas decisões sociais e na aquisição de conhecimentos, a autora argumenta com verdadeira maestria essas questões na carta “Respuesta” e, a partir do seu lugar, de freira e monja, busca emancipar-se mediante um discurso que até hoje é lembrado, estudado e (re)significado, como nas palavras de Fiori (2013).

Sor Juana se opõe a imposições patriarcais de seu tempo partindo de uma concepção autêntica do papel da mulher na sociedade. Embora os conceitos de ideologia e emancipação não fizessem parte de seu momento histórico, a monja desenvolveu uma engenharia argumentativa que transcende as meras reiterações de arquétipos barrocos e, com ela, lega aos estudos culturalistas do século XX e XXI o germen de um livre-pensar que engendra os princípios da emancipação tanto do homem quanto da mulher (FIORI, 2013, p.07)

A mulher foi, por muito tempo, de pouca representatividade, tanto socialmente, quanto intelectualmente, visto que não se julgava importante inseri-las nesses meios e suas funções básicas eram destinar-se à casa e à família. Esse espaço diminuto da mulher no âmbito social e intelectual, justifica o fato de termos poucas escritoras em voga e de reconhecido prestígio em nossa literatura, comparado ao lugar que a figura masculina ocupa nesse meio.

E se conhecemos as condições de vida da grande maioria das mulheres nos séculos passados, os obstáculos que enfrentavam – das teses médicas “provando” sua incapacidade intelectual, ao reforço dos filósofos e governantes incentivando o recolhimento – não podemos nos admirar do reduzido número de escritoras hoje conhecido. A interiorização de normas morais e da culpabilidade com certeza deve ter impedido a muitas de se dedicar à literatura. Hoje sabemos que as medidas protecionistas em torno da

mulher visavam mantê-las, a qualquer custo, fora do mundo do trabalho, cuidando unicamente dos filhos e do lar. (DUARTE, 1997, p. 56-57)

Mas apesar de todas essas questões enfrentadas pelas mulheres ao longo da nossa história na América Latina, algumas delas conseguiram se sobrepor a esses empecilhos, firmaram-se, mostraram seus signos para aqueles que as marginalizavam⁶. Porém, atualmente, essas vozes femininas são mais (re)conhecidas por estudiosos das áreas de Literatura de Língua Espanhola e de Estudos de gênero na América Latina, do que pelo grande público leitor, visto que, no que tange a Literatura latino-americana, ainda predominam no ideário geral dos leitores figuras masculinas. Diante do que o homem produziu na literatura ao longo dos tempos, podemos afirmar que as mulheres pouco publicaram (MUZART, 1997), e no que tange a presença destas ‘poucas’ mulheres no cânone literário, pode-se afirmar que as poucas que se sobressaíram, conseguiram imprimir suas vozes e produziram assim, um novo capítulo para a história da literatura de autoria feminina contemporânea.

No rastreamento minucioso do processo de exclusão de determinadas escritoras que, historicamente, conseguiram sobrepor-se aos obstáculos à entrada da mulher na literatura, esta crítica produziu verdadeiros capítulos de uma história outra, diversa daquelas histórias da literatura como fontes canônicas. Dando voz aos silêncios, procedendo a “arqueologias” de obras e autoras perdidas no tempo, resgatando do “esquecimento” e da exclusão, obras e autoras seja desconhecidas até então, seja objetos de clichês e de apreciações sumárias. (CAMPOS, 1997, p.129)

A partir do momento em que a mulher começa a escrever sobre si e sobre suas dificuldades para ser aceita no âmbito social, temos contato com uma mulher tomada por um discurso subjetivo que busca afirmar-se e empoderar-se através da escrita. Pizarnik, em uma das passagens de seu diário, manifesta sua indignação frente as imposições sociais do que seria a mulher ideal⁷, e diz não estar disposta a ser mais uma, quer seu lugar no mundo, mas não de forma banalizada ou insignificante.

Y aún me parece absurda la vida de casi todas las mujeres de mi edad: amar o esperar el amor, cristalizado en un hogar, hijos, etc. Es más, todo me parece absurdo: tener un empleo, estudiar, ir a reuniones, etc. Siempre he sentido que yo estaba designada o señalada para una vida excepcional. (PIZARNIK, 2003, p. 163)

A autora também comenta o lugar de prestígio da figura masculina e do seu anseio por ser aceita socialmente, sem ter que enquadrar-se nos padrões impostos à mulher de sua época.

Quisiera ser hombre para tener muchos bolsillos. Hasta podría tener siempre un libro en un bolsillo. La ropa femenina es muy molesta. ¡Tan ceñida e incómoda! No hay libertad para moverse, para correr, para nada. El hombre más humilde camina y parece el rey del universo. La mujer más ataviada camina y semeja un objeto que se utiliza los domingos. Además hay leyes para la velocidad del paso. Si yo camino lentamente, mirando las esculturas de las viejas casas (cosa que aprendí a mirar) o el cielo o los rostros de os que pasan junto a mí, siento que atento contra algo. Me siguen, me hablan, o me miran con asombro y reproche. Sí. La mujer tiene que caminar apurada indicando que su caminar tiene un fin. De lo contrario es una prostituta o una loca extravagante (...) (PIZARNIK, 2003. p.58)

⁶ Para citar alguns nomes: Juana de Ibarbourou (uruguaia), Delmira Agustini (uruguaia), Alfonsina Storni (argentina, que escreve um manifesto feminista), Gabriela Mistral (chilena, prêmio nobel de literatura).

⁷ Essas imposições podem ser analisadas sob o viés da violência simbólica que sempre sofreu a mulher.

Sor Juana também criticou seus superiores da igreja e o modo como a mulher era tratada no século XVII, principalmente no que diz respeito à questão da educação destinada às mulheres de sua época, sempre advinda do homem, sem dar lugar para que a mulher também pudesse colocar-se no lugar de mediadora de saberes.

(...) y no hallo que este modo de enseñar de hombres a mujeres pueda ser sin peligro, si no es en el severo tribunal de un confesionario o en la distante docencia de los púlpitos o en el remoto conocimiento de los libros, pero no en el manoseo de la inmediatez. Y todos conocen que esto es verdad; y con todo, se permite sólo por el defecto de no haber ancianas sabias; luego es grande daño no haberlas. (Sor Juana, 2006, p.)

4. PALAVRAS FINAIS

Diante das discussões realizadas ao longo deste texto, percebemos o “eu” feminino carregado de toda sua subjetividade, firmando seu discurso na literatura latino-americana. Podemos tomar a carta de Sor Juana Inés de la Cruz e os diários de Alejandra Pizarnik como narrativas multivocais. A carta de Sor Juana é uma resposta a outro, assim como os diários de Pizarnik são uma resposta a outros. O “eu” destas mulheres está em diálogo com outras vozes, ou seja, seus discursos estão carregados de palavras outras, múltiplas, plurivocais. Mas estas palavras adquirem uma valoração diferente e uma maior amplitude quando estas mulheres as tomam e se transformam em autoras e se revelam. E, ao se revelarem pela palavra, também desvelam e, literariamente, mostram ao mundo outras possibilidades de pensar as questões de gênero e suas relações com os saberes.

Ambas as autoras são envolvidas por suas narrativas, seja pelo diário, ou pela carta, e o resultado que se obtêm desses textos são narrativas de si, de bagagem intelectual e de memória que não se limitam ao passado, ao contrário, nos fazem pensar o presente e, ainda que utopicamente, vislumbrar possibilidades de futuro. Sor Juana Inés de la Cruz e Alejandra Pizarnik são mulheres que conseguiram firmar-se na escrita subjetiva a partir de seus discursos e, através destas produções literárias, produziram Literatura, impuseram-se no âmbito literário tomado majoritariamente por figuras masculinas e provaram que mulher também sabe escrever, dialogar com seu tempo e ter capacidade crítica e reflexiva.

Podemos compreender essas produções, dentre as muitas interpretações possíveis que elas nos possibilitam, como textos de afirmação de mulheres escritoras, personalidades que buscam seu espaço, não só na literatura, como também no meio social como um todo. O “eu” feminino de Pizarnik e Sor Juana está em diálogo com o nosso tempo (passado e presente) e marca a literatura de autoria feminina na América Latina de uma forma extremamente crítica, deixando um legado cultural de grande valor para a construção de nossa história, além de ser um incentivo e um grandioso exemplo para novas autoras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manoel de. Juana Inés de la Cruz: glória, esquecimento e redenção. 54.ed. Revista Eletrônica de los Hispanistas de Brasil. 2013. Disponível em: < <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/429.pdf> > Acesso em 25 de setembro de 2015.

- ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. tradução, Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. O livro por vir/Maurice Blanchot. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Tópicos) p.270- 279.
- BARROS, G.V. Sórora Juana Inés de la Cruz: A mulher na cidade das letras. Revista Darandina, Faculdade de Letras de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2011.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunho. Gender e literatura. In: SCHMIDT, R.T. (Org.). Mulheres e Literatura: (Trans) Formando Identidades. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997. p.127- 135.
- CARVALHAL, T. F. Literatura comparada. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CRUZ, Sor Juana Ines de la. Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz.- Editorial del Cardo. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/39758/1/132027.pdf>> Acesso em 12 de julho de 2015. Unal, 2006.
- DIETZEL, Vera Lúcia. Recepção literária na Alemanha: entre o diálogo cultural e algumas escritoras brasileiras contemporâneas. In: SANTOS, L. C. (Org.). Literatura e Mulher: das linhas às Entrelinhas. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2002. p. 65-93.s
- DUARTE, C.L. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, R.T. (Org.). Mulheres e Literatura: (Trans) Formando Identidades. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997. p. 53- 60.s
- FIBLA, N.G. Rituales de la verdad: mujeres y discursos en América Latina. México: Editora R2 ADEHL, 2008.
- FIORI, Luis Eduardo. Juana Inés de La Cruz: literatura e emancipação / Luis Eduardo Fiori. Assis, São Paulo, 2013.
- KAMITA, R. C. & FONTES, L. C. S. (orgs.). Mulher e literatura: vozes consequentes. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015. Disponível em: www.mulhernaliteratura.ufsc.br
- LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha; trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MENEZES.T.D. A identidade social: uma análise teórica. – Pernambuco: UFPE, Revista Prolíngua, 2010, p. 16- 27.
- MISKOLCI, Richard. Corpo, Identidade e Política. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Anais. Porto Alegre, 2010.
- MOCTEZUMA, Paola Madrid. Sor Juana Inés de la Cruz y el barroco novohispano a través de los modelos narrativos de la ficción histórica y del boom hispánico femenino. América sin Nombre, 2010, p. 93-106.
- MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento/ Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina- 17ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- MUZART, Z.L. A questão do cânone. In: SCHMIDT, R.T. (Org.). Mulheres e Literatura: (Trans) Formando Identidades. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997. p. 79-89.
- NITRINI, Sandra. Literatura comparada: história, teoria e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- PALAUERSICH, D. Silencio, voz y escritura em Eduardo Galeano. Frankfurt. Madrid: Iberoamericana, 1995.

- PAZ, O. Sor Juana Ines de la Cruz o las trampas de la fe. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- PIZARNIK, A. Diarios. Ana Becciu (ed.). Barcelona: Lumen, 2003.
- POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- REIS, Erivelto da Silva. A escrita epistolar e autobiográfica na obra D'este viver aqui neste papel descripto: cartas da guerra, de António Lobo Antunes – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2013.
- SALA, N. C. Los diarios de Alejandra Pizarnik: una escritura en el umbral. Castilla Revista de Estudios de Literatura, 2, 2011. p. 55-71
- SANTOS, L. C. (org.) Literatura e mulher: das linhas às entrelinhas. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, 2002.
- TEIXEIRA, L.C. A escrita autobiográfica e a construção subjetiva. Psicologia USP, 2003, Vol. 14, No .1, 37-64
- VALDÉS. Adriana. El espacio de la mujer en la colonia. In: Pizarro, Ana. (Org). América Latina: palabra, literatura e cultura. São Paulo: Memorial, Campinas: Unicamp, 1993.
- ZINANI, C.J.A. História da literatura: questões contemporâneas. – Caxias do Sul, RS: Educ, 2010.